



Lutero, liturgia, identidades: uma tradição confessante

Dirk G. Lange¹

Resumo: Este ensaio explora o potencial transformador da liturgia luterana através de um exame das dimensões teológica e prática do sacramento do altar. Enfocando o conceito de presença real, o autor sustenta que, embora a doutrina possa ser causadora de divisões, sua experiência vivida na liturgia pode ser reconciliadora. Ao enfatizar os aspectos comunitário e encarnacional do sacramento, o artigo sustenta que a liturgia luterana, enraizada na justaposição de palavra e sacramento, desafia as pessoas crentes a se envolverem em uma jornada contínua de transformação e comunhão com os corpos ausentes e sofridos no mundo. A dinâmica da presença real que se encontra no sacramento serve como fonte profunda de redefinição da identidade, urgindo as comunidades de fé a reconsiderarem suas práticas ritualizadas e adotarem uma celebração mais inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: Lutero; Liturgia; Sacramento do Altar; Identidades; Transformação

Introdução

Talvez uma das marcas mais definidoras da identidade “luterana” nos primórdios da Reforma (mesmo que a expressão seja anacrônica) seja o debate a respeito da presença real no Sacramento do Altar. O próprio Lutero definiu claramente, ao desenhar um círculo sobre a mesa em Marburgo: “Isto é o meu corpo”. Confessar, para Lutero, era sustentar essa afirmação bíblica simples contra todas as formas de dois extremos, tanto a racionalização quanto a mágica. O círculo sobre a mesa definia claramente uma posição “luterana”, que também foi desenvolvida nos Catecismos Menor e Maior do mesmo ano e depois, no ano seguinte, 1530, na Confissão de Augsburgo.

Naturalmente, algumas pessoas poderão dizer que o debate sobre a presença real é uma questão estritamente teológica e não se relaciona diretamente com o culto luterano ou, como eu preferiria dizer, com a liturgia luterana. Minha reação é sempre a mesma: a liturgia é inerentemente teológica. A renovação da liturgia – e a reforma da prática efetuada por Lutero – é uma tarefa inerentemente teológica.

¹ Assistant General Secretary for Ecumenical Relations, Lutheran World Federation; Fredrik A. Schiotz Chair of Christian Missions and Professor of Worship, Luther Seminary.



“Nosso Senhor Jesus tomou o pão e, tendo dado graças, o partiu, o deu a seus discípulos e disse: Tomem e comam; isto é o meu corpo”. As palavras de instituição (*verba*) – “Tomou o pão, deu graças, o partiu ... isto é o meu corpo” são teologia representada em ato ou literalmente corporificada. Sabemos, é claro, que nas gerações subsequentes esse debate teológico também foi travado na prática ritual (veja-se, por exemplo, o debate contencioso sobre a fração do pão em Brandemburgo²).

Os escritos confessionais luteranos (seja o *corpus* definido estreitamente como um conjunto que contém apenas a Confissão de Augsburgo e o Catecismo Menor, seja definido mais amplamente como o *Livro de Concórdia* todo) são um testemunho dessa característica singular e identificadora da Comunhão luterana: a justaposição de Palavra e Sacramento, a interação, a conexão íntima entre teologia e corpo.

A partir do Colóquio de Marburgo ocorreu uma divisão dentro do crescente movimento de reforma. A posição de Lutero em Marburgo, por insistência de Melanchthon, talvez tenha sido mais estridente do que Lutero queria (Bainton, 1949, p. 397), porque Melanchthon estava mais preocupado com o acordo com a Igreja Católica, que ele iria apresentar só sete meses mais tarde em Augsburgo. Na Confissão de Augsburgo, Melanchthon (com a bênção de Lutero, é claro) sustenta a presença real no sacramento, ainda que não de acordo com a doutrina católica da transubstanciação. Com efeito, o Artigo X da CA recebeu a aprovação do lado católico na Confutação³.

Como se observou, a questão da presença real de Cristo no sacramento levou a uma divisão centenária com o ramo reformado da Reforma, divisão essa só superada com a Concórdia de Leuenberg em 1973. Infelizmente, por outro lado, a desejada reconciliação com a Igreja Católica Romana, a possibilidade de reunir um concílio na década de 1530, nunca se tornou realidade, ainda que, em 1999, com a assinatura da *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*, um consenso diferenciador sobre uma das disputas teológicas causadoras de divisão no século XVI tenha sido alcançado. Curiosamente, as diferenças restantes entre luteranos e católicos romanos a respeito dos sacramentos não se referem à presença real, e sim à autoridade do ministério e à eclesiologia.

² NISCHAN, Bodo. The ‘Fractio Panis’: A Reformed Communion Practice in Late Reformation Germany. *Church History*, v. 53, n. 1, p. 17-29, mar. 1984.

³ Confutação Romana, Parte I, Art. X.



Entre as igrejas da Reforma, a questão da presença real se tornou uma posição confessional e era uma marca distintiva que definia uma identidade em contraposição a outra abordagem. A presença real se tornou um marcador de identidade, um círculo fechado, uma separação, uma linha divisória dentro do movimento da Reforma.

Entretanto, é justamente essa questão da presença real que, creio eu, necessita de estudo adicional para revelar aquilo que, ao meu ver, constitui seu potencial de transformação e reconciliação. Como doutrina, a presença real pode causar divisão. Quando se defronta com a presença real liturgicamente, como prática viva, ela pode ser reconciliadora, pois a identidade, em sua mais articulada forma, só pode ser identificadora em relação a outra ou outrem, isto é, ela não pode sustentar um sistema ou círculo fechado. O próprio ato de confessar – que também é um marcador intrínseco de identidade – não é inerentemente causador de divisão da igreja, e sim, como o demonstra a Confissão de Augsburgo, profundamente ecumênico. Confessar generosamente é abrir um caminho para a transformação e reconciliação.

Nesta palestra, vou tratar da presença real através da prática corporificada, particularmente da prática sacramental luterana. Primeiramente, abordarei o sacramento como *locus* ou epítome da presença real e o papel crucial do corpo, o que será seguido por uma reflexão sobre como o sacramento molda uma comunidade de fé. A experiência comunitária constitui uma das principais características do sacramento, sempre impelindo o indivíduo crente para além do âmbito privado para um encontro com o próximo. A seção final tratará da celebração do Sacramento da Santa Ceia como *locus* da presença real, perguntando: de que formas o sacramento constitui uma ruptura contínua de nossas comunidades e é, portanto, transformador? A teologia sacramental de Martin Lutero e os escritos confessionais luteranos servirão de guia nessa exploração.

Esta reflexão sobre a presença real espera demonstrar que, em um mundo em mudança, e com o rosto em mudança do culto luterano em razão de muitos fatores – por último, mas não menos importante, em função da COVID-19 –, há uma certa dinâmica na liturgia luterana que exige atenção, tendo o potencial de transformar a comunidade de formas consoantes com o evangelho. A presença real não precisa ser um marcador de identidade causador de divisão, e sim, vivenciada na liturgia, abre um caminho de confissão e transformação generosa.



Corpo e presença

“Sacramento” é uma palavra estranha para o ouvido contemporâneo. Para as pessoas que frequentam a igreja, ela é conhecida e ao mesmo tempo não é. Algumas pessoas diriam que ela é uma palavra “igrejista”, certamente não usada no dia a dia (e às vezes não é muito usada nem mesmo na igreja). As pessoas que participam do culto em um domingo de manhã talvez façam alguma pergunta ou comentário sobre a prédica, mas muito poucas perguntam uma à outra: como foi o sacramento hoje? Uma pastora ou um pastor poderão ouvir muitas palavras de agradecimento por uma boa prédica no final do culto, mas muito poucas ou poucos terão ouvido “Esse foi um bom sacramento, pastora!”.

Ainda assim, os sacramentos apontam para uma dinâmica específica tanto no culto quanto na fé. Seria possível sustentar que quando Lutero procurou reformar a igreja, começou com a reforma das práticas litúrgicas e sacramentais. A Reforma é, talvez, antes de mais nada, uma reforma da prática – penitência, confissão, sacramentos e oração. Nas reformas subsequentes, uma característica da liturgia que Lutero manteve e fortaleceu foi a relação entre Palavra e Sacramento. O “e” é crucial: não existe um elemento sem o outro. A celebração da “missa” não deveria estar focada somente na celebração do sacramento, com as pessoas como meras espectadoras, nem deveria ser o extremo oposto, que começou a surgir com a Reforma, isto é, o culto centrado na pregação em que o sacramento era subsumido à prédica, quando não eliminado.

Para sublinhar a centralidade tanto da Palavra quanto do Sacramento, Lutero e os primeiros reformadores definiram a igreja como uma congregação ou assembleia de pessoas onde a Palavra “e” o Sacramento são celebrados corretamente, ou seja, onde elas comunicam o evangelho, proclamam e distribuem o evangelho. O Artigo VII da Confissão de Augsburgo observa que “Ensina-se também que sempre deverá haver e se manter uma santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com esse evangelho”⁴.

Mas como se deve entender o sacramento? O próprio termo “sacramento” e sua história na tradução são extraordinariamente complexos⁵. Ele é empregado com várias acepções. No Norte

⁴ Livro de Concórdia, 2021, p. 52.

⁵ MOHRMANN, Christine. Sacramentum dans les plus anciens textes chrétiens. *Harvard Theological Review*, v. 47, n. 3, p. 141-152, 1954.



da África, Tertuliano usou *sacramentum* para traduzir o termo grego *mysterion*. Um exemplo específico se encontra em Marcos 4.11. Nessa passagem, Jesus diz a seus discípulos que “a vocês é dado conhecer o *mysterion* do Reino de Deus”.

Levando em conta a variedade de acepções, o que a palavra “sacramento” indica nessa passagem específica? Nas últimas décadas tem havido um debate renovado entre biblistas sobre o referente para *mysterion*. Um deslocamento vem expandindo a gama de interpretações possíveis para além do motivo abrangente do “segredo messiânico” do evangelista Marcos. Muito antes do estabelecimento desse motivo na exegese do século XX, a escolha da palavra *sacramentum* propôs, sabendo ou não, uma abordagem singular. O mistério ou segredo do Reino é revelado em Jesus como aquele que vive ou pratica o Reino aqui e agora. Então, *sacramentum* ou *mysterion* se refere não a algo que possa ser entendido como tal (ensinamento secreto), mas ao reconhecimento do modo de atuação de Deus no mundo (Haacker, 1972), o modo de atuação muitas vezes oculto de Deus, que reivindica o mundo para Si. *Sacramentum* traduz um vestígio do modo de atuação de Deus, um modo que é encarnacional.

O mistério ou segredo ao qual Jesus se refere em Mc 4.11 é sua *praxis*, isto é, sua presença corporificada, sua própria presença corporal atuante no mundo. O corpo, o corpo humano de Jesus, revela a presença de Deus. Em Jesus, essa presença ou modo de atuar foi dado aos discípulos e os convida a entrar nesse *sacramentum*, nesse mistério, no discipulado. O corpo de Jesus é o *mysterion*. Em outras palavras, Deus revelou a si mesmo. Deus pratica a Deus através de “meios” da ordem criada.

Como ato litúrgico, os sacramentos são, portanto, profundamente encarnacionais. Deus vem aos seres humanos no que pode ser visto, tocado, ouvido, experimentado e sentido. Deus revela a si mesmo através do corpo, através de uma práxis, na carne (encarnação). Os sacramentos dão testemunho da encarnação. Eles proclamam sem palavras mas na prática que Deus desceu à terra. Deus veio em Jesus, em forma humana, em forma corpórea, em forma terrena, viveu e sofreu conosco. Comeu e chorou conosco. Lavou e ensinou conosco. A liturgia corporifica esse testemunho quando entende “Deus” como presente no lavar junto à fonte ou pia, na leitura e pregação, no curar, no orar e na partilha da refeição.

Manter juntos a Palavra e o Sacramento sublinha a realidade criada. Os seres humanos não são simplesmente mentes ou entes cognitivos. Eles sabem, pensam, imaginam, decidem, julgam



usando seus cinco sentidos. O Artigo V da Confissão de Augsburgo se baseia nesse fato: “Para que alcancemos essa fé foi instituído o ministério que deve ensinar o evangelho e administrar os sacramentos. Pois a palavra e os sacramentos são como instrumentos [meios] pelos quais é dado o Espírito Santo que opera a fé onde e quando agradar a Deus” (Livro de Concórdia, 2021, p. 51). O Espírito Santo é dado por meio de palavras e do corpo. A proclamação não tem só a ver com a audição – não apenas com ouvir a Palavra –, mas a Palavra também é recebida no corpo.

A proclamação do evangelho (justificação/libertação) é definida tanto como o evangelho pregado (falado e ouvido) quanto como o evangelho distribuído (sacramentos). Esta é uma das principais premissas da Reforma, à qual Lutero se refere constantemente. O evangelho não é só a Palavra falada, mas também a Palavra distribuída – tocada, provada, vista, etc. A definição talvez mais sucinta disso se encontra no Artigo XIII da Apologia da Confissão de Augsburgo:

Deus motiva os corações simultaneamente pela palavra e pelo rito, para que creiam e concebam fé, como diz Paulo: “A fé vem pelo ouvir” [Rm 10.17]. Porque, do mesmo modo que a palavra entra pelos ouvidos para tocar o coração, o rito entra pelos olhos para motivar o coração. O efeito da palavra e do rito é o mesmo [...] (Livro de Concórdia, 2021, p. 250).

Como palavra e rito, como representação plena em meio a um corpo coletivo, a liturgia aponta para esse *mysterion* – a pessoa una de Cristo, humana e divina. No pão e vinho e na promessa a comunidade se encontra não com o Jesus histórico nem com um Cristo imaginário, mas com Deus que chama a comunidade para uma comunicação ou troca. Essa dinâmica do sacramento talvez seja mais vividamente retratada no Evangelho de Lucas e no relato da ressurreição acerca dos discípulos de Emaús.

Os discípulos estavam caminhando pela estrada, desanimados, consternados, desesperançados. Aquele que eles esperavam que redimiria Israel foi crucificado. Foi levado embora e destruído. Subitamente há alguém caminhando com eles e lhes explicando as Escrituras. Eles não reconhecem Jesus. Seus olhos estavam fechados, talvez por sua imaginação, pelo que achavam que tinha acontecido ou por quem esperavam que Jesus fosse. Seus olhos estavam fechados por suas próprias expectativas. Entretanto, à medida que Jesus caminhava e explicava, pregava e orava com eles, seu coração estava ardendo no peito. “Onde dois ou três estiverem reunidos...” Jesus está presente. Não obstante, mesmo sua presença é transitória. À medida que a



história se desdobra, Jesus se prepara para seguir seu caminho. Os discípulos de Emaús param e lhe imploram que fique.

No lugar em que ficaram, eles partilharam uma refeição. Jesus, como convidado, tomou o pão, o abençoou e partiu e o deu a eles. Seus olhos se abriram, mas então ele desapareceu. Assim como ele diz a Maria Madalena: “Não me detenha”, Jesus passa adiante. Os discípulos não podem detê-lo. Não podem guardá-lo em um relicário. Como escreve Michel de Certeau, Jesus passa adiante deles e, com isso, os convida para um êxodo contínuo (Certeau, 1957). O sacramento – a presença de Cristo – é uma dinâmica que nos convida para uma jornada contínua no modo de atuação de Deus.

A presença de Jesus é conhecida não como um corpo sobre uma cruz, mas como um corpo dado, derramado na práxis, com outras pessoas, em uma ação comunitária que sempre aponta para além de si mesma. Sua presença é conhecida no ato de compartilhar de uma refeição, pão e vinho. A noção de presença real – a comunhão que constitui o ser do próprio Cristo, humano e divino – não é um objeto a ser adorado ou guardado (seja em um tabernáculo ou em um pequeno grupo de amigos e amigas), mas uma práxis que é conclamada a buscar sempre novos inícios, novas possibilidades.

Abordagens sacramentais

A presença real puxa a pessoa crente cada vez mais para dentro do modo de atuar de Deus, para a práxis de novos inícios. Contudo, a comunidade cristã muitas vezes prefere se proteger dos riscos dessa prática. O crescente movimento de reforma na década de 1520 lançou Martinho Lutero aos debates a respeito da presença real e da teologia e prática sacramental.

Lutero se confrontou com duas abordagens extremas da prática sacramental. Por um lado, uma abordagem mística envolve o sacramento, comunicando a graça pela mera (e sacerdotalmente correta) realização do rito (*ex opere operato*); por outro, o sacramento se torna meramente um sinal, um memorial, uma lembrança de um momento na história, e nada mais. Os vestígios da primeira continuam a existir nos jogos de crianças, como na expressão *hocus pocus* [= abracadabra] – *Hoc est corpus meum* – tão profunda era a percepção popular do momento “mágico” na mente das pessoas. Este último exemplo o transforma em uma peça, um teatro ou filme, que reencena um evento. Ambos os extremos ignoram o corpo, o elemento criado ou terreno no sacramento. O “pão” se



torna uma bolachinha branca (que não se assemelha nem a pão nem ao corpo de Jesus) que é adorada ou, então, muito racionalmente, guardada para a próxima ocasião ou até jogada fora.

Hoje em dia, as comunidades cristãs se deparam com uma situação semelhante. No caso de muitas comunidades protestantes, os sacramentos são colocados à margem; não são celebrados de maneira regular ou plena. Em alguns casos, como o da pia batismal, é colocada em um depósito até que haja um batismo. O sacramento primordial é ocultado. A conexão entre os sacramentos e o dia a dia, entre a partilha da refeição e a alimentação do próximo, perde-se. No outro caso, o sacramento é adorado, reservado, mas a realidade do corpo de Jesus – aquele que sofre e clama na rua – muitas vezes não é ouvida.

Atualmente se manifesta um terceiro extremo. Em reação à pandemia de COVID-19, ao menos em muitas igrejas protestantes, o sacramento é celebrado *online*, às vezes sob a justificativa de renovar o conceito de “igreja no lar” ou “igreja doméstica”. Mais uma vez, o sacramento é posto sob as restrições de uma comunidade (família ou grupo de amigos e amigas). Talvez o sacramento não seja trancado e reservado em um tabernáculo. Não obstante, pretende-se que ele sirva às “necessidades” de um grupo particular de pessoas reunidas em torno do pão e do vinho. Em alguns casos, ele é até mesmo reivindicado como um direito ou privilégio para que cada pessoa crente o celebre e, com isso, se “aproprie” dele. É trancado no tabernáculo da comunidade.

Essas práticas variadas e, às vezes, contraditórias do sacramento não são surpreendentes. As razões são simples. Para a maioria das pessoas, os sacramentos são de difícil compreensão. A presença real – e suas implicações – são difíceis de entender. Muitas pessoas que frequentam a igreja se envolvem na ação ritual, mas permanecem confusas quanto ao sentido sacramental. Quando algo não é entendido com facilidade, reações típicas a isso são inventar um sentido racional e simples, dispensar imediatamente aquilo que não é entendido (neste caso, o sacramento) ou construir uma representação equivocada que esteja a serviço das próprias pessoas.

Contudo, os sacramentos, em uma abordagem luterana, visam resistir a todas essas reações. Eles nunca são algo que a pessoa que crê possua. Constituem um sinal de vulnerabilidade humana, de necessidade humana. Com efeito, testemunham a incapacidade humana de retê-los. Os sacramentos não podem ser compreendidos ou racionalizados. Eles visam se opor à nossa razão.

No prefácio do Catecismo Menor, Lutero admoesta os pastores a pregar de tal modo que as pessoas venham a pedir o sacramento (Livro de Concórdia, 2021, p. 385). O que ele quer dizer?



Lutero não entende o sacramento como um memorial vazio ou como um ritual quase mágico. O sacramento não é algo a que a pessoa crente ou a comunidade assista ou em que só se engaje sem entusiasmo. Ele é, isto sim, um lugar de encontro em que a comunidade reconhece sua profunda incapacidade e sua profunda necessidade, mas também um lugar a que a comunidade sabe com certeza que Deus retorna continuamente e em que chama. Os sacramentos convidam à conversão e à participação ativa. Eles convidam à *kenosis* e à transformação. Praticam ou exercitam a encarnação.

Os sacramentos abrem a comunidade de fé. Eles a ampliam e reorientam. Confrontam e rompem a comunidade, apontando continuamente para outrem, para alguém, não presente. Como uma dinâmica, a presença real aponta continuamente para uma ausência, a ausência dentro de cada pessoa para agarrar-se a Deus, a ausência dentro de cada comunidade, e a ausência do outro ou da outra, do próximo, sem o qual a comunidade nunca está completa.

Comunidade e presença

Até aqui o foco foi o “sinal” necessário, isto é, o corpo como parte do sacramento. Seja imersão plena ou uma refeição completa com pão e vinho, o sacramento é constituído do corpo e envolve o corpo. Os extremos históricos tendiam a ignorar o corpo, ou relegando o rito à palavra ou a palavra ao rito. A terceira abordagem, que surgiu atualmente em reação à COVID-19, também corre o risco de dispensar o corpo como corpo comunitário. Corre o risco de dispensar “Cristo existindo como comunidade” (Bonhoeffer, *Sanctorum Communio*, 1930/2009).

Em 1520, Martim Lutero acrescentou um apêndice a seu tratado “O venerabilíssimo sacramento do santo e verdadeiro corpo de Cristo” (Luther’s Works [LW], v. 35 [Obras selecionadas, v. 1: Os primórdios, 1987]) intitulado “As irmandades”. Esse apêndice talvez não constitua uma surpresa considerando a luta multifacetada de Lutero contra o que, em sua opinião, era o cativo dos sacramentos e, em particular, do Sacramento do Altar. As “irmandades” exemplificam uma forma de cativo: exigem um certo número de orações e missas em determinadas ocasiões, mas sua devoção só estava a serviço delas próprias. Essas irmandades só beneficiam seus próprios membros. Nelas, as pessoas

[...] aprendem a buscar a si mesmas, amar a si mesmas, ser fiéis somente entre si, não se importar com os outros, julgar-se melhores e pretender maiores privilégios junto a Deus do que os outros. Desta forma, desaparecem a

comunhão dos santos, o amor cristão e a verdadeira irmandade, instituída no santo sacramento. Desta forma, cresce nelas o amor egoísta [...]” (LW, v. 35, p. 69 [Obras selecionadas, v. 1, p. 441]).

No corpo principal desse tratado, Lutero explica o “verdadeiro significado” do sacramento não como “perdão dos pecados”, mas como uma verdadeira comunhão resultante do perdão dos pecados. Ele coloca a ênfase na comunhão. O perdão é ampliado para além da experiência e realidade individuais, para além da relação pessoal com Deus (mas sem jamais negá-la) para incluir o elemento comunitário. À mesa, as pessoas crentes são inseridas na atividade reconciliadora de Deus.

Diz Lutero:

O que este sacramento significa ou opera é a comunhão de todos os santos. Essa comunhão consiste em que todos os bens espirituais de Cristo e de seus santos são compartilhados e comunicados a quem recebe esse sacramento; por outro lado, todos os sofrimentos e pecados também passam a ser comuns, de modo que amor é aceso por amor, levando à união (LW, v. 35, p. 50-51 [Obras selecionadas, v. 1, p. 429]).

No sacramento acontece algo. Cristo vem junto com toda a corporação das pessoas crentes. A comunidade participa da “feliz troca”: todas as posses espirituais de Cristo – a bondade imensurável de Deus – é compartilhada com todas e, em troca, Cristo e a comunidade tomam sobre si todos os sofrimentos e pecados. A miséria e tribulação são depositadas sobre Cristo e sobre a comunidade dos santos (LW, v. 35, p. 54). Uma prática de partilha de fardos é estabelecida.

Tudo isso deixa claro que este santo sacramento não é outra coisa senão um sinal divino no qual Cristo e todos os santos, com todas as suas obras, seus sofrimentos, méritos, graças e bens, são prometidos, dados e entregues como consolo e fortalecimento para todas as pessoas angustiadas e entristecidas, perseguidas pelo diabo, por pecados, pelo mundo, pela carne e por todo o mal; e receber o sacramento não é outra coisa senão desejar tudo isso e crer firmemente que assim sucederá (LW, v. 35, p. 60 [Obras selecionadas, v. 1, p. 435]).

O Sacramento da Eucaristia comunica Cristo e todas as pessoas santas em conjunto. Em seus tratados sobre os sacramentos, Lutero quase nunca menciona “Cristo” sem acrescentar “e todos os santos”. Cristo se torna Cristo nas pessoas santas, e a pessoa crente (e a comunidade de fé) é mais uma vez direcionada para aquele outro modo de existência, aquela disseminação de Cristo, a disseminação da presença de Cristo no outro e na outra. A encarnação e a comunidade são inseparáveis. Tanto o próximo quanto a pessoa crente são envolvidos na dádiva da disseminação contínua de Deus através da repetição litúrgica, através da celebração da Palavra e dos Sacramentos. Mediante a participação na Eucaristia, as pessoas crentes são unidas a Cristo e a todas as pessoas santas em suas obras, sofrimentos e méritos (LW, v. 35, p. 60).



A união com Cristo não é o início da piedade individualista (Jesus e eu) ou de uma nova espiritualidade. Quando as pessoas crentes são “conformadas” a esse Cristo disseminado, elas são conformadas ao próximo em sofrimento e necessidade. “[...] devemos também transformar-nos através do mesmo amor, permitindo que sejam nossas as imperfeições de todos os outros cristãos, assumindo sua forma e necessidade [...]” (LW, v. 35, p. 58 [Obras selecionadas, v. 1, p. 434]).

A palavra-chave aqui não é “assumir”, mas “através do mesmo amor”. Esse amor assumiu primeiro toda necessidade; esse amor se revelou através da morte; através da disseminação, esse amor atrai as pessoas crentes para assumirem os sofrimentos de outras. O que a pessoa crente recebe na celebração da Eucaristia é Cristo junto com todos os seus santos, isto é, o que retorna continuamente no movimento da liturgia é Cristo, humano e divino, Cristo e a comunidade, Cristo e o próximo na necessidade e na bênção⁶.

A presença de Cristo – presença real – no sacramento confronta e rompe as ideias que as pessoas crentes possam ter de Deus. Quando o pão e o cálice são compartilhados, naquele momento silencioso e aconchegante do recebimento, o indivíduo poderá imaginar uma comunhão especial com Jesus, mas a presença real rompe essa imaginação. Não é um Jesus branco cintilante que retorna para comungar, não um Jesus de nossa própria invenção, mas o próximo nos saúda em todas as formas, tamanhos e situações. O corpo real de Cristo nos insere em uma comunhão singular.

Presença real, liturgia, identidade

No cerne de uma compreensão confessional de liturgia estão tanto essa comunhão quanto essa confrontação. No sacramento, a comunidade se encontra com a presença do corpo de Cristo na terra, isto é, encontra-se com a (ou é confrontada pela) presença singular e real de Cristo no corpo da comunidade e no próximo.

Lutero às vezes descrevia o próximo, a pessoa fora da comunidade de fé, como “mendigo”. Hoje em dia, o próximo é conhecido de muitas formas, pessoas conhecidas e desconhecidas, pessoas de um grupo minoritário, grupos marginalizados e excluídos, e ainda como mendigos e pessoas sem teto. O Sacramento da Santa Ceia sempre dirigirá a comunidade reunida para as

⁶ LANGE, Dirk G. *Trauma Recalled*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2009), cap. 6.



peças que não estão presentes. O sacramento como portador da presença real de Cristo irá questionar nossa compreensão de comunidade; irá romper e transformar liturgias e reuniões quando Jesus entra no meio de uma comunidade como mendigo. Sim, o mendigo, para Lutero, é também Deus. Deus sempre estará fora de círculos fechados e privilegiados e baterá à porta (LW, v. 22, p. 519-520).

O sacramento não é celebrado para sustentar um círculo interno que se regozije em sentimentos bons e santos de proximidade, e tampouco é celebrado para que as pessoas possam simplesmente satisfazer um anseio espiritual, como se o sacramento fosse algo assim como uma mercadoria. O Sacramento do Altar convida a entrar em uma comunidade radical cujo centro é aberto continuamente na direção do próximo que não está presente. A presença real rompe a comunidade. Como Lutero já sustentava na década de 1520, o significado do sacramento pode ser rapidamente reduzido, se não perdido, caso ele se torne o privilégio ou mesmo o “direito” de um grupo pequeno que identifique a “presença real” com sua comunidade ou sua própria forma de culto.

A dinâmica da presença real – fazendo com que nos voltemos para corpos ausentes – é uma fonte profunda de transformação dentro da prática sacramental luterana. “O corpo é o *locus*: a maneira como tratamos os corpos necessitados é o indício de como a sociedade é organizada” (McFague, 2001, p. 174). O corpo necessitado é todo mundo. A comunidade de fé, com sua atenção cuidadosa e profundamente respeitosa para com o corpo (e especialmente o corpo das pessoas mais vulneráveis), pode ajudar a sociedade a criar uma nova visão de sua relação com o corpo. Em termos do Sacramento da Santa Ceia, uma refeição plenamente participativa é importante. Pão e vinho reais e pessoas comendo e bebendo *juntas*, com pão suficiente para todo mundo, com pão suficiente para alimentar todos os povos. Uma comunidade é formada em torno dessa proclamação da bondade imensurável de Deus, e essa formação, mesmo dentro de uma comunidade de fé pequena, pode, por sua vez, moldar a sociedade.

O sacramento é um testemunho radical da presença do corpo de Cristo, da presença real de Cristo, em meio a uma comunidade de fé. O corpo – os elementos materiais – com o acréscimo da Palavra a eles, com o acréscimo da promessa a eles, impulsiona a pessoa crente e a comunidade de fé a sair de uma espiritualidade confortável e focada em si mesma. Os sacramentos praticam disrupção sobre a comunidade, exercitando-a na obra do Espírito Santo, envolvendo-a na



transformação, em uma práxis de transformação que está profundamente inserida no ato de Deus de reivindicar o mundo para si, de reconciliar o mundo consigo. Nessa perspectiva, a liturgia luterana, e a insistência luterana em “isto é o meu corpo”, é profundamente ecumênica, pois o corpo é o mundo.

“Porque [em Cristo] habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Também, nele, vocês receberam a plenitude” (Cl 2.9-10). A presença real de Cristo é a plenitude da divindade habitando corporalmente, dada à comunidade no sacramento. Deus e ser humano em uma comunhão singular que se abre para uma plenitude, para uma comunhão singular que é mais profunda do que qualquer comunidade, onde todos e todas estão em união “tão íntima que jamais se poderá conceber outra [relação] mais íntima” (LW, v. 35, p. 70 [Obras selecionadas, v. 1, p. 442]).

A partir de uma perspectiva luterana, o desafio ou a conclamação do sacramento não deve ser reduzido, servindo apenas às necessidades espirituais individuais ou comunitárias; a natureza radical de toda a ação ritual/litúrgica por parte de toda a comunidade reunida tampouco deve ser diluída por formas novas de celebrações sem se perguntar se essas formas, esses rostos do culto em mudança, continuam a traduzir o evangelho. Presente no cerne dessa comunhão está o Cristo uno, não um Cristo da glória, mas Cristo distribuído na refeição, Cristo disseminado no mundo, Cristo que está unido com quem sofre no mundo. A presença real, a presença de Cristo, está dirigindo a comunidade continuamente tanto para Deus quanto para os corpos ausentes, sofridos, para os corpos sobre cruces.

Tratar da liturgia e da identidade é tratar não de um conjunto de práticas ou de uma maneira particular de fazer as coisas. A liturgia e o testemunho luterano – e, portanto, as comunidades de fé – já sofreram demais com a imposição de certas interpretações étnicas da liturgia provenientes do Hemisfério Norte como se houvesse “uma só forma apropriada” de celebrar (definida pela Europa setentrional ou pela América do Norte). Tratar da liturgia e da identidade é tratar de uma presença, da presença de Cristo, no cerne de todas as nossas palavras e rituais.

Neste tempo de mudanças, neste tempo do que algumas pessoas chamaram de “COVID longa”, em meio a uma paisagem em lento surgimento e pouco familiar, com parâmetros novos e diferentes para a reunião no culto, talvez agora tenhamos uma oportunidade para reconsiderar como as comunidades de fé ritualizaram – se é que não domesticaram – o sacramento. Reconsiderar a presença real tem esse potencial transformador: ela convida continuamente as comunidades de



fé a reimaginar celebrações sacramentais que se abram para o próximo, encontrando formas novas de incluir todas as pessoas que atualmente não estão à mesa. A própria identidade é redefinida como um caminho, como caminhar juntos, em uma jornada para a comunhão cada vez mais profunda.

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. *The communion of saints: a dogmatic inquiry into the sociology of the church*. New York: Harper and Row, 1963. 256 p.

LANGE, Dirk G. *Trauma Recalled*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2009.

LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 2021.

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas: Volume 1: Os primórdios: escritos de 1517 a 1519*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.

MOHRMANN, Christine. Sacramentum dans les plus anciens textes chrétiens. *Harvard Theological Review*, v. 47, n. 3, p. 141-152, 1954.

NISCHAN, Bodo. The 'Fractio Panis:' A Reformed Communion Practice in Late Reformation Germany. *Church History*, v. 53, n. 1, p. 17-29, mar. 1984.